



CONTRIBUIÇÃO LINGUÍSTICA DE CURT NIMUENDAJÚ

LINGUISTIC CONTRIBUTION BY CURT NIMUENDAJÚ

Rafael Santos CHAVES¹

RESUMO

As chamadas obras linguísticas de Curt Nimuendajú ainda não tiveram seu valor totalmente explorado em pesquisas nas diversas áreas científicas no Brasil. Conforme defendem alguns pesquisadores e linguístas, estas obras foram fundamentais na formação e na instituição da Linguística tanto como disciplina na área de Letras, como no âmbito das Ciências Humanas e Sociais no Brasil, principalmente através dos estudos das línguas indígenas. Neste artigo apresento alguns exemplos da contribuição das pesquisas de Nimuendajú, presentes em outras obras de importantes linguístas.

PALAVRAS-CHAVE

Curt Nimuendajú; Obras linguísticas; Estudos linguísticos; Línguas indígenas.

ABSTRACT

The so-called linguistic works of Curt Nimuendajú have not yet had their value fully explored in research in different scientific areas in Brazil. As some researchers and linguists defend, these works were fundamental in the formation and institution of Linguistics both as a discipline in the area of Letters and in the scope of Human and Social Sciences in Brazil, mainly through the studies of indigenous languages. In this article i present some examples of the contribution of Nimuendajú's research, present in other works by important linguists.

¹ Doutor em Interdisciplinar Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro
E-mail: rafferufrj@gmail.com.





KEY-WORDS

Curt Nimuendajú; Linguistic works; Linguistic studies; Indigenous languages.

INTRODUÇÃO

Com a aquisição definitiva na década de 1950 dos documentos do espólio de Curt Nimuendajú pelo Museu Nacional, um volumoso material que inclui fotografias, manuscritos, cartas, mapas, livros e diversos textos, passou a integrar o acervo desta instituição. Entretanto, logo que chegou este mesmo material foi dividido pelos setores que compõem o Museu Nacional.

Na década de 1980 foi realizada uma nova separação deste conjunto de obras por iniciativa de Ana M. Meye, dividindo em material etnográfico e material linguístico. Na continuidade deste empreendimento foram microfilmadas partes do acervo etnográfico e linguístico.

O conjunto de obras – fotografias, livros, rascunhos, mapas, etc – legados deixados por Curt Nimuendajú, na verdade, encontra(va)-se não só no Museu Nacional². Sabe-se que diversas partes deste conjunto estão também em outros museus nacionais da Europa (AMOROSO, 2001; SCHRÖDER, 2011).

Há mais de cinquenta anos atrás, Schaden comentava sobre o material do pesquisador alemão encontrado no Brasil e afirmava que

Cogita-se de uma edição completa das obras em língua portuguesa, para torná-las mais acessíveis aos estudiosos brasileiros. É tarefa urgente. Quanto ao grande mapa etnográfico do Brasil. obra-prima

² Com o incêndio ocorrido em 2 de setembro de 2018, a maior parte das obras que serão listadas foi destruída. Contudo, grande parte das chamadas obras linguísticas se encontram digitalizadas em arquivo formato *pdf* e localizadas no site da biblioteca digital Curt Nimuendajú (<http://www.etnolinguistica.org/>).

que não tem igual entre os congêneres do mundo e que só poderia ter como autor a quem, como Nimuendajú, dedicou toda uma existência ao estudo das populações indígenas, foi ele confiado há mais de dez anos às oficinas da Imprensa Nacional no Rio de Janeiro. Continuamos aguardando a sua publicação. (SCHADEN, 1967, p.79)

Neste parágrafo encontra-se um discurso que apela não somente à divulgação do material, mas também para a sua tradução, outro ponto que continua distante de se realizar.

Muitos anos depois, Amoroso ao falar de uma das obras recém publicadas em Portugal comenta sobre a dispersão e o ineditismo do material de Curt Nimuendajú:

O interesse redobrado pela obra do etnólogo, parte dela *ainda inédita em português e dispersa* em instituições nacionais e estrangeiras, dá mostras que os artefatos de inspiração culturalista que soube esculpir como ninguém no início do século, a partir de experiência de campo pioneira, ganham com o tempo maior valor. Sua correspondência se acrescenta a este acervo como peça de valor inestimável para os interessados na história dos índios, do indigenismo no Brasil e dos estudos americanistas. (AMOROSO, 2001, p. 174, grifos meus)

Além do valor inestimado e do pioneirismo do trabalho de Curt Nimuendajú, chama à atenção nas palavras acima a referência à dispersão deste material em instituição do Brasil e do mundo.

A divulgação ampla e irrestrita deste volumoso e em grande parte ainda inédito material tem como objetivo geral mais amplo contribuir para o levantamento de toda a obra de Curt Nimuendajú. Já que, conforme Eduardo Viveiros de Castro, “a vida-obra de Nimuendajú ainda está à espera de um estudo que lhe faça justiça; à parte de alguns curtos ensaios sobre aspectos



específicos de suas pesquisas, o que se tem são necrológicos e outros textos de circunstância” (1987, p. 18).

Este conjunto de obras, como dito anteriormente, ainda inédito ao leitor que desconhece o idioma alemão, é de extrema importância para os pesquisadores da área da linguagem (Linguística e campos afins). Souza, por exemplo, defende que: “o estudo das línguas indígenas leva à fundação de idéias linguísticas no Brasil³” (p. 357, 2015).

O que sabemos também é que muitas vezes ocorria a supressão da parte linguística nas obras de Nimuendajú, do que deriva a comum ausência de comentários críticos a respeito de tais obras relativas às línguas indígenas. (LEITE, 1961).

Já em relação ao autor, Guérios afirma que:

Não será, porém, a pouca familiaridade com fenômenos gerais da linguística — explicável pela sua vida vivida em contato perene com os silvícolas — que há de empanar o valor da enorme contribuição de Nimuendajú para o americanismo, em especial para a glotologia brasílica, e que só saberemos estimar suficientemente, quando tivermos a publicação de todos os materiais linguísticos (vocabulários, gramáticas, textos, etc) ainda inéditos, ou republicar aquilo que se acha espalhado por todo o mundo culto em obras raríssimas ou só acessíveis nas grandes bibliotecas. (GUÉRIOS, p. 209, 1948)

Complementando as afirmações de Guérios, defendo que para a valorização devida a esta obra deixada por Nimuendajú, há que se traduzir grande parte de sua obra e se realizar estudos nas mais diversas áreas do universo acadêmico, dentre elas o campo dos estudos da linguagem.

³ Tradução livre para: “The study of indigenous languages leads to the foundation of Linguistic Ideas in Brazil”.

Da mesma forma, Mattoso da Câmara Jr. encontrou qualidades na obra linguística de Nimuendajú:

Na linguística indígena, Nimuendajú apresenta duas preocupações, que o destacam, em qualidade, de muitos dos nossos pesquisadores da época. A primeira é surpreender e registrar os sons linguísticos indígenas na sua realidade fonética, usando método de transcrição ad hoc e não, simplesmente, a grafia usual do português e do alemão. A segunda é tomar, em regra, um informante definido, do qual fornece não raro os dados característicos, ressaltando os casos em que teve de socorrer-se de um informante não-nativo ou em que o informante nativo era pouco seguro de sua língua ou as condições eram desfavoráveis. Esses dois predicados dão ao seu trabalho linguístico um alto teor de exatidão e absoluta probidade. (CÂMARA JR., p.6, 1959)

No setor de linguística do Museu nacional foi criado, no ano de 2014, o Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som (LABEDIS), que tem dois fundamentos principais: uma política de memória e um espaço de pesquisa e reflexão.

Dentre outras atividades do LABEDIS, há uma iniciativa de criação do Fundo Documental Curt Nimuendajú, cujo processo de elaboração se dá a partir da restauração e análise do acervo deste pesquisador alemão.

A criação do Fundo Documental Curt Nimuendajú, em particular, é de vital importância dentro da formulação da História da Idéias Linguísticas no Brasil, de maneira especial, dentro da História das Ideias da Linguística Indígena. Sem perder de vista que a instituição da Linguística tanto como disciplina na área de Letras como no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, se deu com a criação em 1958 do setor de Linguística do Museu Nacional, voltado principalmente para os estudos das Línguas Indígenas. (SOUZA, 2014)



A instituição de Fundos Documentais tem se revelado, em termos políticos, uma tendência importante nos grandes centros e nos laboratórios (nacionais e internacionais) de pesquisa. Isso se deve ao fato de que cada vez mais se entende que o trabalho desenvolvido por um pesquisador não pode ficar restrito ao âmbito acadêmico e fechado, sendo publicado apenas em forma de artigo ou livros.

1. CURT NIMUENDAJÚ

Curt Unkel nasceu em 17 de abril de 1883 na cidade de Jena, na Alemanha, e morreu no dia 10 de dezembro de 1945 em uma aldeia Tukuna, no município de São Paulo de Olivença, perto de Santa Rita, no Alto Solimões, por razões ainda não completamente apuradas, tendo como hipótese mais provável o assassinato do pesquisador.

Em 1903, com apenas 20 anos, Curt veio para o Brasil para pesquisar as culturas indígenas. Durante mais de 4 décadas dedicou-se a pesquisas etnológicas com diversas explorações pelo Brasil. Esteve em contato com mais de 50 etnias indígenas diferentes. Mapeou também diversos grupos indígenas, assim como realizou estudos linguísticos dos idiomas e das culturas das populações visitadas.

Em 1922 naturalizou-se brasileiro, assumindo de vez o sobrenome (Nimuendajú) que recebera já em 1906 dos índios Apapokura-Guarani.

Em algumas de suas expedições Curt Nimuendajú contou com o custeamento parcial de museus etnológicos alemães. Dentre eles destacaram-se os museus de Hamburgo, Dresden e Leipzig. De sua parte o pesquisador alemão fornecia, então, vasto material para a coleção etnográfica e arqueológica destes museus.



Curt Nimuendajú publicou diversos artigos, textos e obras no Brasil e em outros países, desde 1908 até o ano de sua morte (1945). As primeiras publicações no Brasil ocorreram no “Deutsche Zeitung” em São Paulo, entre 1908 e 1911.

De grande destaque são suas publicações entre 1928 e 1940 que tratam de suas atividades e pesquisas sobre as tribos da etnia jê. Este valoroso material sobre os índios é composto por “contribuições únicas no campo da etnologia brasileira. (SCHADEN, 1967, p.81)

Apesar de não ter conhecimento científico especializado para a realização de pesquisas, já que Curt Nimuendajú não tinha formação acadêmica quando veio para o Brasil, é de se destacar a maneira particular como se envolvia e realizava seus trabalhos. Sua metodologia baseava-se no controle da língua nativa, associado a uma longa permanência com os índios e juntamente a isso uma imersão no modo de vida das comunidades indígenas visitadas.

Outra característica que marcou a personalidade de Curt Nimuendajú foi o fato de que o pesquisador alemão só confiava em suas próprias observações, procurando aperfeiçoar cada vez mais seu método de trabalho. Ele também tinha certo receio de propor alguma interpretação teórica que fosse a última palavra sobre os assuntos versados.

O que melhor definia a personalidade de Curt Nimuendajú, segundo o antropólogo brasileiro Schaden (1967) era a “plenitude com que lograva identificar-se com a vida e a maneira de ser das tribos por ele visitadas e estudadas.” (p. 16)

Curt Nimuendajú foi incansável nas denúncias dos crimes praticados contra os índios por madeireiros, seringueiros e demais representantes da civilização. Em 1910, o pesquisador alemão ingressou no SPI (Serviço de



Proteção ao Índio) e escreveu centenas de relatórios retratando o tratamento injusto dado aos índios.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A minha perspectiva de análise faz uso de conceitos oriundos da Análise de Discurso (AD) que delinea-se uma teoria complexa sustentada pelo tripé que articula criticamente três teorias: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Dada essa complexidade, aliada ao viés das “desconstruções”, a Análise de Discurso se apresenta, por um lado, como uma disciplina multidisciplinar e, por outro, como uma proposta em que teoria e método se conjugam.

Conforme Orlandi (1990): “A Análise de Discurso constitui-se nesse intervalo entre a linguística e essas outras ciências, justamente na região das questões que dizem respeito à relação da linguagem (objetivo linguístico) com a sua exterioridade (objetivo histórico) (p. 330)”.

Na AD o discurso é o lugar teórico em que se intrincam literalmente todas as grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A atividade discursiva se traduz em um complexo processo de constituição de sujeitos e de gestos ideológicos de interpretação, que resultam na constituição dos sentidos. A AD explica o funcionamento do discurso em suas determinações históricas através da ideologia. Quanto a esta é ainda em relação ao poder que ela é considerada na perspectiva discursiva. Não se deve, entretanto, partir da ideologia para o sentido, mas sim procurar compreender os efeitos de sentido a partir do fato de que é no discurso que se configura a relação da língua com a ideologia. A Análise se reflete sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua. Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia



é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como defende M. Pêcheux (1988), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.

O conceito de ideologia na AD deve ser compreendido como “o preenchimento, a completude que produz o efeito de evidencia, porque se assenta sobre o sentido. A ideologia é a direção política nos processos de significação” (ORLANDI, 1990, p. 43).

As palavras não encerram em si o sentido, o processo de significação é decorrente das condições de produção. Por conseguinte, é fundamental a análise das condições de produção do discurso que compreendem fundamentalmente os sujeitos, a situação e a memória (ORLANDI, 2007).

Na produção de um discurso, o sujeito promove uma relação do discurso em formulação (que está sendo produzido no momento) com a memória discursiva, ou seja, com todos os dizeres que já foram ditos. Desta maneira, podemos dizer que só há o dito porque há um já dito, conforme assegura Pêcheux:

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (1999:52)

A memória discursiva, portanto, não é a memória psicológica que interessa a psicolinguísticas, neurocientistas ou cientistas cognitivos. A



memória que importa a Análise do Discurso é a “memória social, coletiva, em sua relação com a linguagem e a história” (COURTINE, 2006, p.2).

Para Orlandi (2007) a memória quando pensada no discurso é interdiscurso, é a memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer. Assim, a autora define interdiscurso como “todo o conjunto de formulações feitas já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2007, p.33).

Como não há discurso que não se relacione com outro, na relação entre o “já dito” e o que se está dizendo é importante estabelecer a distinção entre interdiscurso e intradiscurso (ORLANDI, 2007). Enquanto o primeiro se constitui de todos os dizeres já ditos e esquecidos, o segundo vincula-se ao campo da formulação, ao que está se dizendo, em um dado momento e em uma determinada condição. A formulação é determinada pela relação que o sujeito estabelece com o interdiscurso, desta forma, ao dizer algo (intradiscurso/formulação), o sujeito coloca o seu discurso na perspectiva do dizível (interdiscurso/constituição). “Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos” (ORLANDI, 2007, p.33).

Desta maneira podemos afirmar de forma resumida que um discurso só significa por meio da sua relação com o interdiscurso e que os efeitos da memória discursiva podem ser de lembrança, de redefinição, de transformação, de esquecimento, de ruptura e até mesmo denegação do já-dito.

Com o intuito de contribuir para a construção do Fundo Documental Curt Nimuendajú que se encontra em fase de realização pelo Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som – LABEDIS, vinculado ao Setor de Linguística do Museu Nacional, esta proposta se justifica por buscar dar a conhecer o acervo de indiscutível relevância para a comunidade científica.



A contribuição a que se propõe este trabalho vai além da reunião de informações de materiais do pesquisador Curt Nimuendajú dispersos pelo Brasil e outras nações; o que se pretende também é contribuir de maneira eficaz para a disponibilização destes conteúdos de inestimado valor científico e acadêmico através da elaboração do Fundo Documental Curt Nimuendajú.

Para a Análise do Discurso de linha francesa, cada analista elabora seu próprio dispositivo de análise e utiliza os conceitos específicos da AD de acordo com os objetivos a serem investigados. Assim, são as questões de pesquisa e a natureza dos dados os responsáveis por desencadear a metodologia a ser utilizada (ORLANDI, 2007).

O texto é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ele faz parte. O que ele faz diante de um texto? Ele o remete imediatamente a um discurso que, por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referência a uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura. (ORLANDI, 2007, p.63)

3. OBRAS LINGUÍSTICAS

Os chamados trabalhos linguísticos de Nimuendajú incluem ensaios gramaticais, listas (numerosas) de vocabulários, estudos e comentários sobre os idiomas indígenas, que podem abordar a questão da escrita, pronúncia do idioma, e características em comparação ao alemão, idioma nativo de Nimuendajú, assim como os demais textos com referências linguísticas. São 40 obras de tamanhos variados publicadas a partir 1913. Muitos destes trabalhos se encontram em alemão, inglês ou mesmo francês e, desta forma, permanecem quase que inéditos aos estudiosos do autor e de sua obra.



Em uma destas obras, publicada apenas após a morte de Nimuendajú, intitulada *Cartas Etno-Linguísticas entre Nimuendajú e R. F. Mansur Guérios* (1948), se encontram 12 cartas trocadas entre os dois autores citados. Na introdução dessa obra, o professor de filologia e linguística da Universidade Federal do Paraná escreveu: “O ensejo da nossa correspondência mostra-nos ainda, senão o linguista ‘strito senso’, pelo menos o cientista dotado do necessário espírito crítico perante os argumentos de caráter universalista, a que abrange a Linguística geral.” (p. 207, 1948).

Alguns trabalhos mais recentes tentaram suprir, mesmo que de maneira parcial, parte desse anseio por um levantamento definitivo das obras de Curt Nimuendajú. Contudo, ainda sim são realizações bastantes pequenas perto do total de obras e instituições que mantêm material do pesquisador alemão.

Cito aqui um trabalho que foi realizado entre os anos de 2001 e 2002, pela pesquisadora Elena Welper no Rio de Janeiro, vinculado ao Museu Nacional, e que culminou no levantamento do conjunto do arquivo etnográfico Curt Nimuendajú do Armário do Museu Nacional.

Outra pesquisa desenvolvida por Peter Schöder (2011, 2013) buscou o levantamento de coleções etnográficas organizadas por Curt Nimuendajú para alguns museus da Alemanha, assim como a localização de obras em diversas cidades desse mesmo país.

Ainda neste sentido, ou seja, demonstrando que há muito trabalho para ser realizado, foi encontrado um trabalho recentemente publicado, mas que se iniciou em 2005 e que trata das fotos tiradas por Curt Nimuendajú na região do Rio Negro. O trabalho de Athias (2013) apresentado em uma



revista da Unicamp revela que a dispersão da obra de Curt Nimuendajú também está contribuindo para a sua deterioração.

Estes trabalhos e pesquisas citados a cima, entretanto, não tiveram como foco específico as obras linguísticas de Nimuendajú. Há, porém, uma publicação que faz esta distinção, e que trata especificamente dessas obras. O texto de Câmara Jr (1959), intitulado “A obra linguística de Nimuendajú” traz uma lista de publicações de Nimuendajú que se enquadram, conforma o linguísta, no grupo referido. Além da listagem, Câmara Jr apresenta dados de cada obra, como o ano de publicação, o número de páginas e seu conteúdo.

Sobre essas obras de Nimuendajú, defendo que a junção das listagens de ambos os pesquisadores e também o acréscimo de outra(s) obra(s) é o que vai formar o chamado trabalho linguístico de Curt Nimuendajú. A primeira delas é do ano de 1913 e a última de 1993, já após o falecimento do alemão.

Apresento a lista de obras linguísticas de Nimuendajú, em forma de tabela, com informações do ano da obra e o idioma em que ela foi publicada. Para pertencer ao chamado grupo de obras linguísticas, a mesma tem que se encaixar em pelo menos um dos seguintes critérios: a) Conter uma lista de palavras indígenas; b) Apresentar um estudo sobre língua(s) indígena(s).

Para compor esta listagem, fiz uso das informações que obtive: 1) no levantamento feito por Câmara Jr (1959), que enumera 29 textos, encontrados pelo linguísta, fundamentalmente, no Museu Nacional no Rio de Janeiro; 2) as informações trazidas por Marcos Antônio Gonçalves (1993) que defende o número de 18 textos linguísticos, 3) na contribuição de Schröder (2013), que lista 18 textos, e trata das obras localizadas na Alemanha, nas cidades de Leipzig, Dresden, Hamburg, Berlin e Munique, e 4) nas demais obras, nas quais identifiquei os critérios citados à cima.

**Tabela 1:** Obras linguísticas de Nimuendajú

	Nome da obra	Ano	Idioma	Estudo	Lista de palavras
1	Os Kaingang	1913	port.	N	S
2	Die Sagen von Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocuva-Guarani.	1914	alemão	S	N
3	Vocabulário da língua geral do Brasil	1914	port.	N	S
4	Vokabular der Parirí-Sprache	1914	alemão	S	S
5	Vokabular und Sagen der Crengéz-Indianer	1914	alemão	S	S
6	Vokabulare der Timbiras von Maranhão und Pará	1915	alemão	N	S
7	Documents sur quelques langues peu connues de L'Amazonie	1922	franc/ alemão.	S	S
8	Zur Sprache der Sipaia-Indianer	1923	alemão	S	N
9	Os índios Parintintim do Rio Madeira	1924	port..	S	S
10	As tribos do Alto Madeira	1925	port.	S	S
11	Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn	1926	alemão	S	S
12	Wortliste der Sipáia-Sprache	1928	alemão	N	S
13	Língua Serente	1929	port.	N	S
14	Wortliste der Sipáia-Sprache (Schluss)	1929	alemão	N	S
15	Zur Sprache der Maué-Indianer	1929	alemão	N	S
16	Os índios Tucuna	1929	port.	N	S
17	Zur Sprache der Kuruáya-Indianer	1930	alemão	S	S
18	A propos des Indiens Kukura du Rio Verde	1932	franc/ alemão	S	N
19	Wortlisten aus Amazonien	1932	alemão	N	S
20	Guajajarisch	1935	alemão	N	S
21	Jabutí e Arikapú [listas comparativas]	1935	alemão	N	S
22	Die Verwandtschaft des Mundurukuischen mit dem Tupiischen	1937	alemão	S	S
23	The dual organizations of the Ramko'Kamekra	1937	inglês	S	S
24	The Gamella Indians	1937	inglês	S	S
25	Patašó	1938	alemão	N	S
26	Aranã	1939	alemão	N	S
27	The Apinayé	1939	inglês	S	S



28	Índios Machacarí	1939	port.	S	N
29	<i>Masakarí: vocabulário Maxakali</i>	1939	port.	S	S
30	The Serente	1942	inglês	S	S
31	Social organization and beliefs of the botocudo of eastern Brazil	1946	inglês	S	S
32	Sugestões para pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil	1946	port.	S	N
33	Die östlichen Timbira	1939	alemão	S	S
34	The Mashakali, Patashó and Malalí linguistic	1946	inglês	S	N
35	Tribes of the Lower and Middle Xingú Rivers	1948	inglês	S	S
36	Cartas etnográficas (<i>escritas entre 1943 e 1945</i>)	1948	port.	S	S
37	Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés	1950	Port.	S	S
38	The Tukuna	1952	inglês	S	S
39	Os Tapajó	1953	port.	S	N
40	Vocabulários Makuší, Wapičána, Ipurinã' e Kapišanã'	1955	port.	N	S

Fonte: elaboração própria

Às listas de Câmara Jr. (1959), Gonçalves (1993) e Schröder (2013), foram acrescentadas, até o presente momento, as obras “Os Kaingang” (1913) com publicação no ano de 1993, “Os índios Tucuna” (1929) publicada em 1977, Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés (1927) publicada em 1950, “Jabutí e Arikapú [listas comparativas]” de 1935, Patašó (1938), “Aranã” (1939) “Índios Machacarí” (1939) publicado em 1958 e “*Masakarí: vocabulário Maxakali*” (1939) publicado em 1996.

Em relação à localização física de algumas destas obras, realizei uma busca inicialmente através do site de busca que centraliza todas as bibliotecas da UFRJ (<https://minerva.ufrj.br>) e identifiquei 1219 itens de autoria ao referentes a Nimuendajú. Dentre estes estão fotos (163), negativos (86),



materiais visuais (487), artigos (8), documentos (5), manuscritos (30) e livros (440). A grande maioria se localizava na biblioteca do CELIN (Centro de Documentação de Línguas Indígenas, Museu Nacional) e foi destruída pelo incêndio de 2018⁴. Na biblioteca do PPGAS (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional) era possível encontrar as seguintes obras: *The Serente* (1942); *The Apinayé* (1967) – uma versão para o inglês da obra de 1939; *Os índios Tucuna* (1977) tradução da obra de 1929; e, *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani* (1987) – tradução da obra de 1914.

Porém, alguns poucos livros, que estão localizados em Bibliotecas, em outros *campi*, dessa mesma Universidade, podem ainda ser acessados por pesquisadores. Na biblioteca do IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) encontram-se a obra “*Os índios Tucuna*” (1977), e também o livro “*Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os Índios do Pará*” (1923), publicado em 1993. Na biblioteca da Faculdade de Letras da UFRJ foi localizada apenas uma única obra de Nimuendajú e que faz parte das obras linguísticas, *Cartas etno-linguísticas* (1948).

Além de todo esse material listado acima e que se encontrava nas bibliotecas de Universidade Federal do Rio de Janeiro, assim como no Museu Nacional, havia também, conforme Leite (1960), uma enorme quantidade de textos linguísticos inéditos não cadastrados e não publicados, que tinham sido adquiridos junto à família de Nimuendajú, a maior parte ainda manuscrita, que se encontrava nos arquivos do Museu Nacional. Cito, por exemplo, mais de 50 listas de vocabulários

⁴ É preciso ressaltar que uma parte do acervo do etnólogo alemão foi digitalizada pela antropóloga Elena M. Welper entre os anos de 2012 e 2017, mas o material salvo é composto em sua maioria por diários e correspondências. Maiores informações acessar: <http://www.faperj.br/?id=3625.2.8>.



de diferentes etnias, reunidos entre os anos de 1906 e 1940, apontamentos para gramáticas e quadros vocabulares comparativos de idiomas indígenas, além de outras centenas de materiais, todos perdidos no incêndio.

Além das obras citadas e apresentadas na tabela a cima, incluo no grupo de obras linguísticas de Nimuendajú o seu “Mapa etno-histórico do Brasil”, que ele produziu em três versões: no ano de 1942 para o Smithsonian Institution, em 1943 para o Museu Goeldi, no Pará, e a última para o Museu Nacional, em 1944.

No “Mapa”, que tem cerca de 1,80 x 2,00 metros, Nimuendajú localizou aproximadamente 1.500 grupos indígenas (40 famílias linguísticas). Neste trabalho único e magnífico ele não se limitou a apresentar as classificações linguísticas das tribos, mas diferenciou com referências criadas por ele mesmo a localização das sedes históricas das tribos existentes, das tribos extintas e também a localização atual das mesmas.

No ano de 1981, após um grande trabalho e adaptação realizados em conjunto por pesquisadores do Museu Nacional (UFRJ) e de membros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi publicado a primeira edição do Mapa, direcionada para o público em geral. Esta obra teve uma reimpressão no ano de 1987 e também outra, patrocinada pelo MEC, em 2002. Todas estas versões se esgotaram rapidamente. Em 2017 foi publicada, contudo, uma segunda edição do Mapa, agora com recursos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e também do IBGE.

Um exemplo significativo destas pesquisas realizadas por Nimuendajú são as obras e seus estudos linguísticos referentes à etnia Xipaya, com a qual ele esteve em contato entre os anos de 1916 e 1919. Este conjunto de obras: *Bruchstücke aus Religion und Überlieferung der ŠipáiaIndianer: Beiträge zur Kenntnis der Indianerstämme des Xingú-Gebietes, Zentralbrasilien (1920)*;

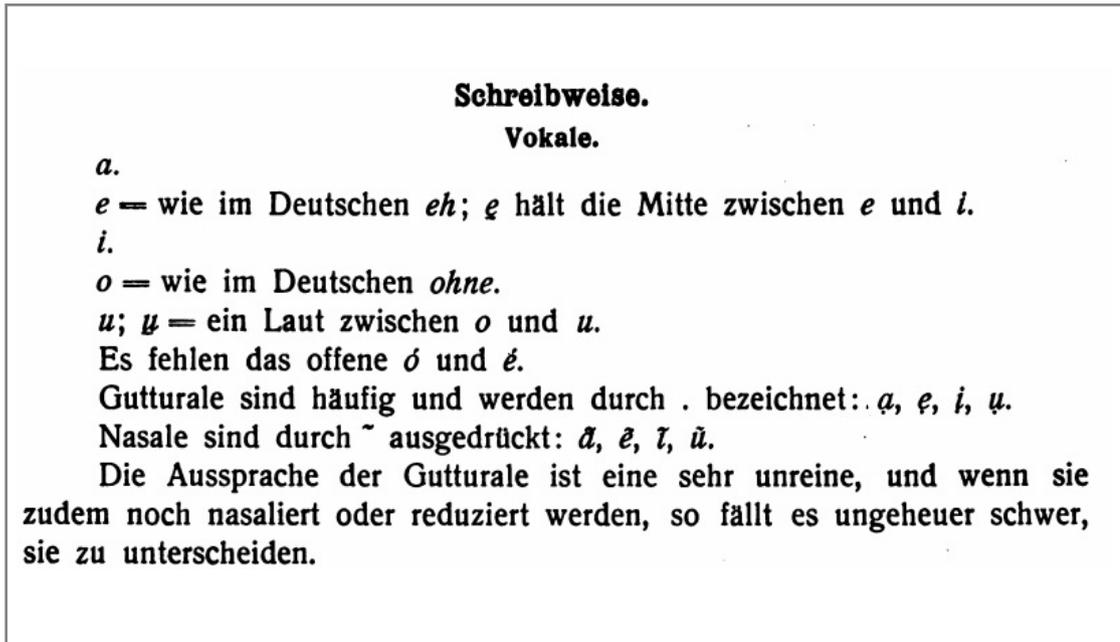
Bruchstücke aus Religion und Überlieferung der Šipáia-Indianer: Beiträge zur Kenntnis der Indianerstämme des Xingú-Gebietes, Zentralbrasilien (1921); Zur Sprache der Sipáia-Indianer (1923); Wortliste der Sipáia-Sprache (1928); Wortliste der Sipáia-Sprache (Schluss) (1929), inclui, além de uma extensa lista de palavras dividida em dois volumes (1928 e 1929), um estudo bastante detalhado sobre o idioma, que inclui a descrição dos sons, a formação de palavras, as categorias sintáticas etc, e também sobre a cultura e os costumes dos Xipaya⁵.

Imagem1: Exemplo de lista de palavras.

Wortliste der Šipáia-Sprache¹.	
Von KURT NIMUENDAJÚ, Belem do Pará, Brasilien.	
Wortliste.	
I. Körperteile.	
Ader	<i>tjri</i>
Arm:	
Unterarm	<i>makí</i>
Oberarm	<i>abí</i>
Atem, Hauch	<i>sā</i>
Auge	<i>seā</i>
mein Auge	<i>u eā</i>
dein Auge	<i>e eā</i>
sein Auge	<i>i seā</i>
blind	<i>seā ũ</i>
Bart: Schnurrbart	<i>ñažutāpa</i>
Bauch	<i>parqa</i>
Bein:	
Oberschenkel	<i>suçā</i>
Unterschenkel	<i>kizā</i>
Blut (sein B.)	<i>a-pjta</i>
Brauen (seine B.)	<i>a-zapā</i>
	<i>seā kununūa (s. Auge)</i>

Fonte: Wortliste der Sipáia-Sprache (1928)

⁵ Para uma maior compreensão dos estudos realizados por Curt Nimuendajú sobre os Xipaya recomendo a leitura do trabalho realizado por Schröder (2015), citado nas referências bibliográficas.

Imagem 2: Estudo das vogais do idioma Xipaya

Fonte: Zur Sprache der Sipáia-Indianer (1923)

4. LÍNGUAS INDÍGENAS E A CONTRIBUIÇÃO DE NIMUENDAJÚ PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

O desenvolvimento e a instituição de estudos da área da linguística no Brasil se deram, então, a partir das pesquisas feitas e realizadas com línguas indígenas. Foi através do impulsionamento dado por estes estudos que a Linguística se concretizou como disciplina em universidades no Brasil no início do século passado.

Em 1938, Mattoso Câmara Jr ofertou a disciplina linguística pela primeira vez em uma universidade brasileira, a saber, na Universidade do Distrito Federal. Entretanto, já no ano seguinte o curso foi extinto e, só foi novamente oferecido, nove anos depois, precisamente em 1948, na Universidade do Brasil, na Faculdade de letras, no Rio de Janeiro. Conforme observou Seki:



O interesse por uma abordagem científica no estudo das línguas indígenas brasileiras já se prenuncia nos anos trinta, (embora trabalhos com características dos períodos anteriores continuassem a ser produzidos após esta data), época em que a Lingüística passava por uma fase de grande desenvolvimento no Exterior, mas ainda inexistia no Brasil. (SEKI, 1999, p. 262)

Algumas ações de caráter prático realizadas à época, principalmente por Mattoso Câmara Jr, contribuíram para o desenvolvimento destes estudos que culminaram com a institucionalização definitiva da linguística. Primeiramente, no ano de 1957 ele publicou o “Manual de anotação fonética de textos em línguas indígenas”. Em seguida, assumiu como primeiro diretor do recém fundado (1958) Setor de Linguística da Divisão de Antropologia do Museu Nacional. No ano seguinte, implementou o curso de linguística aplicada às línguas indígenas. E, neste mesmo ano, criou o curso de especialização em linguística.

Nessa mesma época, com o intuito da aquisição de obras relevantes na área de estudos linguísticos (de idiomas indígenas), Mattoso Câmara efetuou o levantamento de obras linguísticas na Biblioteca do Museu Nacional e organizou também uma lista dessas obras tomando como base o artigo de Čestmír Loukotka do ano de 1939. Esse texto do linguísta tcheco tem como principal (e talvez mais importante) fonte de referências obras de Curt Nimuendajú, que totalizam o número de treze. Este fato reafirma a importância e a contribuição dos textos (obras) de Nimuendajú à fundação de ideias linguísticas no Brasil, uma vez que foi através dos estudos das línguas indígenas que ocorreu o grande impulso na instituição da linguística como disciplina autônoma no campo acadêmico do Brasil.

Nesta mesma época Mattoso Câmara publica o livro intitulado “A obra linguística de Nimuendajú” (1959). Neste trabalho o autor descreve o que



para ele representava o conjunto de textos de Nimuendajú que se incluíam no grupo de obras linguísticas. O linguísta subdividiu um total de 23 obras em quatro categorias: gramática, textos, vocabulário e miscelânea.

Até aquele momento a obra de Curt Nimuendajú ainda não havia sido visualizada como um todo e recebido qualquer tipo de estudo no que tange às questões linguísticas.

Câmara Jr. demonstrando o grande valor destas obras fez diversos elogios e também muitas críticas ao método de trabalho do pesquisador alemão. Elogios à maneira de registrar os sons em sua realidade fonética e ao fato do alemão utilizar um informante definido, sempre que possível, para cada idioma indígena.

Por outro lado, Câmara Jr. também não poupou críticas àquilo que chamou de “a tradição, em linguística indígena, dos seus antecessores e contemporâneos” (1959, p.6) de, ao coletar o vocabulário, fazer as chamadas listas de palavras, mas de acordo com os interesses etnológicos e a simples colocação lado a lado dos termos afins, sem uma explicação gramatical ou análise mórfica. Da mesma forma, as indicações fonéticas de Nimuendajú são muitas vezes imprecisas ou confusas. Contudo, é preciso lembrar que o alemão não tinha formação acadêmica nesta área.

De qualquer forma, as críticas e os elogios de Câmara Jr. reforçam e demonstram que ele dedicou-se a uma análise das obras de Nimuendajú e fez uso destas na construção de sua visão sobre as línguas indígenas e também sobre o desenvolvimento de estudos, oriundos destas pesquisas, para o campo da área da linguística.

Ainda conforme Câmara Jr diversos trabalhos, “principalmente os dos pesquisadores mais competentes, como Von den Steinen,



Koch-Grünberg, Ehrenreich, *Nimuendajú* constituem uma base de informação precisa, muito útil ao prosseguimento dos estudos linguísticos indígenas.” (1965, p. 126).

Presente também na obra de Câmara Jr (1965) é o trabalho de José Oiticica apresentado no Congresso em Hamburgo em 1930 e publicado pelo Museu Nacional sob o título “Do método no estudo das línguas sul-americanas” (1933). Nesta obra, que serviu de referência para diversos pesquisadores e linguístas, o autor cita a obra “As tribos do alto Madeira” (1925) de Nimuendajú, como referência para estudos da língua Tupi.

Essas iniciativas de Câmara Jr. e de alguns outros linguístas (como Aryon Rodrigues) no final da década de 1950 e início da década seguinte evidenciam que o desenvolvimento da área dos estudos linguísticos teve, portanto, um impulso significativo através do estudo das línguas indígenas.

No ano de 1962, o Conselho Federal de Educação (CFE) instituiu a Linguística, então, como disciplina obrigatória em cursos de Letras no Brasil.

Além do trabalho que se realizava no Rio de Janeiro, na Universidade de Brasília (UNB) era desenvolvido e liderado por Aryon Rodrigues o estudo de línguas indígenas. Na década de 1960 foi criado, por exemplo, o primeiro mestrado em Linguística do Brasil (1963) na Universidade de Brasília, fato que também ocorreu no Museu Nacional, no ano de 1968.

Os estudos das línguas indígenas contribuía no início do século passado para o desenvolvimento das pesquisas na área dos estudos da linguagem (linguística). Os pesquisadores de então, tomavam como referência os textos produzidos por aqueles que estiveram em contato direto com as diferentes etnias. Alguns destes textos eram de viajantes estrangeiros, como, por exemplo, von Martius (1794-1868).



Nimuendajú muitas vezes era (é) a única referência, ou uma mais próxima e atual(izada) do momento vivido pelos pesquisadores. Nos estudos realizados sobre a língua Tupi, por exemplo, Aryon Rodrigues (1950; 1951; 1952; 1953) utilizou a obra “Tribes of the Lower and Middle Xingu River” (1948) de Nimuendajú.

Estudos mais recentes (SEKI 1999, ARYON, 2005; SILVA 2005; CORREA-DA-SILVA 2011) também citam a importância que tiveram as fontes e informações trazidas pelo etnólogo alemão, ou mesmo fazem usos diretos de textos de Nimuendajú como referência sobre diversos idiomas indígenas com os quais estão trabalhando em suas pesquisas.

CONCLUSÃO

Os resultados (parciais) apresentados neste artigo buscam dar a conhecer o acervo de indiscutível relevância para a comunidade científica. Esses dados podem também contribuir para a construção do Fundo Documental Curt Nimuendajú que se encontra em fase de realização pelo Laboratório de Estudos do Discurso, Imagem e Som – LABEDIS, vinculado ao Setor de Linguística do Museu Nacional.

Em diferentes trabalhos sobre Curt Nimuendajú encontramos o pedido dos pesquisadores para que esta ação de divulgação se realize de maneira breve. Entretanto, apesar dos apelos, com o passar de décadas pouco se avançou nesta direção.

Os resultados apresentados neste artigo não têm caráter conclusivo, busquei, de certa forma, demonstrar a presença do trabalho linguístico de Nimuendajú em obras de referência dentro dos estudos das línguas indígenas e dos estudos da linguística do Brasil, com o objetivo de verificar até que ponto e em que medida a chamada obra linguística de Nimuendajú, um



conjunto de textos do autor, contribuiu para a formação (institucionalização) da linguística no Brasil.

Neste contexto, a hipótese que permeia este artigo é de que obra de Nimuendajú teve grande influência e está presente ainda na construção e desenvolvimento dos estudos das línguas indígenas do Brasil e da língua portuguesa (estudos de linguística).

REFERÊNCIAS

AMOROSO, M. R. Nimuendajú às voltas com a história. **Revista de Antropologia**. [online]. 2001, vol.44, n.2, pp.173-188.

ATHIAS, R. As fotografias dos índios do Rio Negro de Curt Nimuendajú do acervo fotográfico da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira do Museu do Estado de Pernambuco. **Revista Studium**, n. 35. Unicamp, São Paulo, nov. 2013.

BALDUS, H. 1945. Curt Nimuendajú. **Boletim Bibliográfico**, ano II, volume VIII, p. 91-99. São Paulo: Biblioteca Pública Municipal.

_____. **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira I**. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. 1954.

_____. **Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira II**. Hannover: Kommissionsverlag Münstermann. 1968.

CABRAL, A. S. A. C. et al. **A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall'igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados**. São Paulo: Delta, v. 30, n. especial, p. 513-542, 2014

CÂMARA JR., J. M. **A obra lingüística de Curt Nimuendajú**. Rio de Janeiro: Museu Nacional. 1959.



_____. **Introdução às línguas indígenas brasileiras.** Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1965.

CASTRO FARIA, L. de. Curt Nimuendajú. In: **IBGE: Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú.** 2ª impressão. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.

CORREA DA SILVA, B. C. Mawé/Awetí/Tupí-guaraní: Relações linguísticas e implicações históricas. **Tese de doutorado.** UNB/ PPGL. Brasília, dezembro de 2010.

COURTINE, J.-J. O tecido da memória: algumas perspectivas de trabalho histórico nas ciências da linguagem. **Polifonia**, v. 12, n. 2, p. 1-13, Cuiabá, 2006.

DRUDE, S. **A contribuição Alemã à Linguística e Antropologia dos Índios do Brasil, especialmente da Amazônia.** Disponível em: <<http://pubman.mpdl.mpg.de/pubman/item/escidoc:1466298:2/component/escidoc:1466458/Drude%202005%20-%20Ling%C3>>. Acesso em: 4 abr. 2021.

DUNGS, G. F. **Die Feldforschung von Curt UnckelNimuendajú und ihre theoretisch-methodischen Grundlagen.** Verlag: Holos, Bonn, Band 43, 1991.

EMMERICH, Ch.; LEITE, Y. F. A ortografia dos nomes tribais no mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** 2. ed. Brasília, DF: IPHAN, IBGE, p. 37-46, 2017.

LEITE, Y. F. Notícia dos Trabalhos Linguísticos Inéditos de Curt Nimuendajú. **Revista de Antropologia (São Paulo)**, São Paulo, v. 8, n.2, p. 14-27, 1960.

LOUKOTKA, Č. Línguas indígenas do Brasil. **Revista do Arquivo Municipal**, ano 5, v. 54, p. 147-174, São Paulo, 1939.



NIMUENDAJÚ, C. **Mapa Etno-Histórico**. (2^a. Ed.) Rio de Janeiro: IBGE. 1981 [1^a ed. ca. 1946].

_____; GUÉRIOS, R. F. Mansur. Cartas etnolinguísticas. **Revista do Museu Paulista**, n. 2, p. 207-241, 1948.

OITICICA, J. Do método de estudos das línguas sul-americanas. **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro, Vol. 9: 41-81, 1933.

ORLANDI, Eni P.. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, Ed. Pontes, 2007.

_____. **Terra à vista. Discurso do confronto: velho e novo mundo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1990].

PÊCHEUX, Michel **Análise de discurso**. Textos Escolhidos por Eni Orlandi. Campinas, SP. Pontes Editores, 2011.

_____. **Semântica e discurso**. Campinas, Ed. Pontes, 1988.

RODRIGUES, Aryon D. Os estudos de lingüística indígena no Brasil. **Revista de Antropologia**. v. 11, n. 1 e 2, p. 9-21. 1963.

_____. Análise morfológica de um texto Tupi. **Logos**, s. ed., v. 15, pág. 56-77, 1952.

_____. A nomenclatura na família Tupi-Guarani. **Boletim de Filologia, Montevideu**, v. 43, pág. 98-104, 1950.

_____. Esboço de uma introdução ao estudo da língua Tupi. **Logos**, s. ed., v. 13, pág. 43-58, 1951.

_____. Morfologia do verbo Tupi. **Letras 1**, s. ed., pág. 121-152. Curitiba, 1953.



_____. Tarefas da lingüística no Brasil. **Estudos Linguísticos (Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada)**, vol. 1, n. 1, p. 4-15, 1966.

SCHADEN, E. Notas sobre a vida e a obra de Curt Nimuendajú. **Revista de Antropologia**. Vol. 15 e 16. p. 77-89. 1967.

SCHRÖDER, P. Curt Nimuendajú e os museus etnológicos na Alemanha. **Revista Antropológicas**, ano 15, vol.22(1): 141-160 (2011).

_____. Curt Unckel Nimuendajú – um levantamento bibliográfico. **Tellus**, ano 13, n. 24, Campo Grande, MS, p. 39-76, jan./jun., 2013.

_____. **Os índios Xipaya cultura e língua : textos de Curt Nimuendajú** / organização e tradução: Peter Schröder. Recife: Editora UFPE, 2015.

SEKI, L. **A linguística indígena no Brasil**. São Paulo: Delta, v. 15, n. especial, p. 257-290, 1999.

SILVA, R. G. Pereira da. Estudo Fonológico da Língua Sateré-Mawé. **Dissertação de Mestrado**, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

SOUZA, T. C.C. de. Perspectivas de Análise do Discurso Numa Língua Indígena: O Bakairi. In: Eni Orlandi. (Org.). **Discurso indígena: a materialidade da língua e o movimento da identidade**. 1ªed. Campina: UNICAMP, p. 09-44,1991.

_____. Ergatividade e funcionamento dos verbos em Bakairi (Karib). **Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)**, v. 11, p. 263-287, 2014.

_____. Gestos de interpretação e olhar(es) nas fotos de Curt Nimuendajú: índios no Brasil. **Revista FSA (Faculdade Santo Agostinho)**, Teresina, v. 10, n. 2, art. 16, pp. 287-301, Abr./Jun. 2013.



_____. Political and linguistic aspects of the history of indigenous linguistics in Brazil. In: G. Fernandes; R. Hemmler. (Org.). **Tradition and Innovation in the History of Linguistics**. 1ed. Tras Os Montes: Nodus Publikationen Münster, v. 1, p. 381-389, 2015.

WELPER, E. M. A Aventura etnográfica de Curt Nimuendajú. **Revista Tellus (UCDB)**, v. 24, p. 99-120, 2013.

_____. Curt Unckel Nimuendajú: um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira. **Dissertação de mestrado**. UFRJ/Museu Nacional/PPGAS. Rio de Janeiro, maio de 2002.

